

ORIXALIDADES EM MÃE BEATA DE YEMONJÁ, A PARTIR DO CONTO/ITÃ “MAIS UMA HISTÓRIA DE XANGÔ E O QUIABO”

Gislaine Imaculada de Matos Silva, Ricardo Magalhães Bulhões

gislaine.matos@ifms.edu.br, ricardoufms1@gmail.com

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

IV Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG IFMS 2024

Resumo. O presente trabalho tem como intenção dar voz para a literatura afro-brasileira escrita por mulheres, especificamente por meio da análise textual de Mãe Beata de Yemonjá. Além disso, um ponto específico será abordado, sendo a orixalidade o fio condutor desta pesquisa. Como orixalidade, entende-se em suma como elementos de religiões afro-brasileiras (como Umbanda e Candomblé) presentes na textualidade, como a presença de orixás, entidades e encantados, além de objetos e musicalidade utilizadas em ritos afro-brasileiros. Apresentam-se os aspectos que se configuram a literatura afro-brasileira a partir de Duarte (2019). Outros pesquisadores, como Cuti (2010) e Dalcastagnè (2017) também introduzem essa temática. Destaca-se que a questão da orixalidade é sempre cercada também de assuntos como religiosidade afro-brasileira, africanidades, oralidade, ancestralidades e negritude. O conto a ser apresentado nesta pesquisa é proveniente da obra “Caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros” (2002), de Mãe Beata de Yemonjá, cujo título é “Mais uma história de Xangô e o quiabo”. Neste conto/itã tem-se a história de Xangô Baru, uma qualidade do orixá Xangô que não pode comer quiabo. E o conto se dá com a explicação do porquê dessa qualidade de Xangô não poder comer quiabo. Importante destacar que como itã, entende-se que são os relatos das lendas da cultura iorubá. A literatura pode, por meio das orixalidades na textualidade, auxiliar na quebra de preconceito (incluindo racismo religioso) contra as religiões afro-brasileiras, além de valorizar a herança africana, incluindo mitos, rituais, símbolos e a presença de divindades conhecidas como Orixás.

Palavras-Chave: Orixalidades, Mãe Beata de Yemonjá, Literatura afro-brasileira.

Abstract. This work aims to give voice to Afro-Brazilian literature written by women, specifically through the textual analysis of Mãe Beata de Yemonjá. In addition, a specific point will be addressed, with orixality being the guiding thread of this research. Orixality is understood, in short, as elements of Afro-Brazilian religions (such as Umbanda and Candomblé) present in the textuality, such as the presence of orishas, entities and enchanted beings, in addition to objects and musicality used in Afro-Brazilian rites. The aspects that configure Afro-Brazilian literature are presented based on Duarte (2019).

Other researchers, such as Cuti (2010) and Dalcastagnè (2017) also introduce this theme. It is worth noting that the issue of orixality is always surrounded by subjects such as Afro-Brazilian religiosity, Africanities, orality, ancestry and blackness. The story to be presented in this research comes from the work “Caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros” (2002), by Mãe Beata de Yemonjá, whose title is “Mais uma história de Xangô e o quiabo”. This tale/itã tells the story of Xango Baru, a quality of the orisha Xango who cannot eat okra. And the tale explains why this quality of Xango cannot eat okra. It is important to highlight that as itã, it is understood that these are accounts of the legends of the Yoruba culture. Literature can, through orixalities in textuality, help break down prejudice (including religious racism) against Afro-Brazilian religions, in addition to valuing African heritage, including myths, rituals, symbols and the presence of deities known as Orishas.

Keywords: Orixalities, Mãe Beata de Yemonjá, Afro-Brazilian literature.

Resumen. El presente trabajo tiene como objetivo dar voz a la literatura afrobrasileña escrita por mujeres, específicamente a través del análisis textual de Mãe Beata de Yemonjá. Además, se abordará un punto concreto, siendo la orixalidad el hilo conductor de esta investigación. La orixalidad se entiende, en resumen, como elementos de las religiones afro-brasileñas (como la Umbanda y el Candomblé) presentes en la textualidad, como la presencia de orixás, entidades y encantados, además de objetos y musicalidad utilizados en ritos afro-brasileños. Se presentan los aspectos que configuran la literatura afro-brasileña a partir de Duarte (2019). Otros investigadores, como Cuti (2010) y Dalcastagnè (2017), también introducen esta temática. Cabe destacar que la cuestión de la orixalidad siempre está vinculada a temas como la religiosidad afro-brasileña, africanidades, oralidad, ancestralidad y negritud. El cuento que se presentará en esta investigación proviene de la obra "Caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros" (2002), de Mãe Beata de Yemonjá, cuyo título es "Mais uma história de Xangô e o quiabo". En este cuento/itã se narra la historia de Xangô Baru, una cualidad del orixá Xangô que no puede comer quingombó. El cuento explica por qué esta cualidad de Xangô no puede consumir quingombó. Es importante destacar que el itã se entiende como los relatos de las leyendas de la cultura yoruba. La literatura puede, a través de las orixalidades en la textualidad, ayudar a romper los prejuicios (incluido el racismo religioso) contra las religiones afro-brasileñas, además de valorizar la herencia africana, incluyendo mitos, rituales, símbolos y la presencia de divinidades conocidas como Orixás.

Palabras clave: Orixalidades, Mãe Beata de Yemonjá, Literatura afro-brasileña.

1. Introdução

A literatura afro-brasileira possui desde seus primórdios um foco abolicionista, como em *Úrsula* (1858) de Maria Firmina dos Reis, pioneiro romance escrito por mulher no Brasil. Este gênero textual vem ganhando espaço ao passar do tempo, inclusive pelo fato de que questões relacionadas à raça são bem complexas e delicadas, na medida em que sempre existiram bloqueios racistas que tentam impedir a ascensão da população negra em

vários setores da sociedade. Luiz Silva, pesquisador e escritor negro conhecido como Cuti, em seu livro *Literatura Negro-Brasileira* (2010), faz um breve panorama dos entraves sofridos por intelectuais negros desde a produção poética de Luiz Gama. O livro de Cuti fala de questões fundamentais relacionadas às vivências da população negra.

Para complementar, ainda Cuti questiona sobre o termo “literatura afro-brasileira” e nos apresenta o termo “literatura negro-brasileira”. Em seu livro com o mesmo título, publicado pela Editora Selo Negro, Cuti (2010, p. 35) afirma:

Denominar de afro a produção literária negro-brasileira (dos que se assumem como negros em seus textos) é projetá-la à origem continental de seus autores, deixando-a à margem da literatura brasileira, atribuindo-lhe, principalmente, uma desqualificação com base no viés da hierarquização das culturas, noção bastante disseminada na concepção de Brasil por seus intelectuais. “Afro-brasileiro” e “afro-descendente” são expressões que induzem a discreto retorno à África, afastamento silencioso do âmbito da literatura brasileira para se fazer de sua vertente negra um mero apêndice da literatura africana. Em outras palavras, é como se só à produção de autores brancos coubesse compor a literatura do Brasil.

A literatura negra é “um movimento, um devir, no sentido de que se forma e transforma. Aos poucos, por dentro e por fora da literatura brasileira, surge a literatura negra, como um todo com perfil próprio, um sistema significativo”, conforme afirma Ianni (1988, p. 91).

Ainda sobre os termos literatura negra ou afro-brasileira, Fonseca (2006, p. 13) acrescenta:

Mesmo entre os escritores que se assumem como negros, alguns deles muito sensíveis à exclusão dos descendentes de escravos na sociedade brasileira, existe resistência quanto ao uso de expressões como “escritor negro”, “literatura negra” ou “literatura afrobrasileira”. Para eles, essas expressões particularizadoras acabam por rotular e aprisionar a sua produção literária. Outros, ao contrário, consideram que essas expressões permitem destacar sentidos ocultados pela generalização do termo “literatura”. E tais sentidos dizem respeito aos valores de um segmento social que luta contra a exclusão imposta pela sociedade (Fonseca, 2006, p. 13).

Destacar a literatura afro-brasileira é fundamental por várias razões, que vão desde a promoção da diversidade cultural até o combate ao racismo e à construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Apesar de diversas nomenclaturas, como “literatura negra”, “literatura negro-brasileira”, “literatura afro-diaspórica”, entre outras, utilizaremos aqui o termo “literatura afro-brasileira”, baseado na produção de Duarte (2009, 2010, 2019). Segundo o pesquisador Eduardo de Assis Duarte (Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG), a

literatura afro-brasileira se forma a partir de cinco elementos, sendo eles: temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público.

Importante destacar aqui também a dificuldade de se publicar literatura afro-brasileira. A partir dessas rupturas no mercado editorial, um grupo de escritores e escritoras negras formaram em 1978 o *Cadernos Negros*, dois anos mais tarde, fundaram o coletivo “Quilombhoje”. Participaram da sua fundação, nomes como Cuti (Luiz Silva), Hugo Ferreira, Célia Aparecida Pereira, entre outros. A coletânea *Cadernos Negros* até hoje é uma publicação voltada apenas para escritores e escritoras negras, exatamente para terem esse espaço, esse local de fala que antes não tinham no mercado editorial. Grandes nomes da literatura brasileira contemporânea começaram com suas publicações no *Cadernos Negros* ou já publicaram nele, entre eles: Cuti, Conceição Evaristo, Mãe Beata de Yemonjá, Cristiane Sobral, Eliana Alves Cruz, Miriam Alves, Luana Passos, Leandro Passos, Abdias do Nascimento, etc. Atualmente o Quilombhoje é coordenado por Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa.

Dalcastagnè (2017), em uma pesquisa entre literatura e estatística, utilizou um corpus de 258 romances publicados entre 1990 e 2004. A pesquisadora observou que entre essa vasta amostragem literária, apenas 5,8% dos personagens eram negros. Ainda, Dalcastagnè (2017, p. 223) acrescenta que “convém observar, há uma presença maior de brancos entre as personagens do que na população brasileira”.

Entende-se então, nitidamente, que negros/negras vem sendo excluídos na literatura brasileira de um papel de protagonismo. Entretanto, observa-se ainda um crescente número de escritores e escritoras negras buscando espaço, e podendo retratar sua própria realidade, ou melhor, suas *escrevivências*, como diz a premiada escritora negra Conceição Evaristo.

Duarte (2019, p. 11), nos faz refletir sobre a questão de raça na literatura:

Literatura tem cor? Acreditamos que sim. Porque cor remete à identidade, logo a valores, que, de uma forma ou de outra, se fazem presentes na linguagem que constrói o texto. Nesse sentido, a literatura afro-brasileira se afirma como expressão de um lugar discursivo construído pela visão de mundo historicamente identificada à trajetória vivida entre nós por africanos escravizados e seus descendentes. Muitos consideram que esta identificação nasce do *existir* que leva ao ser negro. Os traços de *negritude*, *negrícia* ou *negrura* do texto seriam oriundos do que Conceição Evaristo chama de “escrevivência”, ou seja, uma atitude – e uma prática – que coloca a experiência como motivo e motor da produção literária.

A reflexão de Duarte (2019) sugere que a literatura pode ter uma “cor” no sentido simbólico, refletindo identidades, valores e perspectivas particulares. No contexto da

literatura afro-brasileira, essa "cor" está ligada à experiência histórica e cultural dos africanos escravizados e seus descendentes no Brasil. Já o conceito de "escrevivência", conforme formulado por Conceição Evaristo, é central aqui, representando a escrita que nasce da vivência pessoal e coletiva, especialmente das experiências da população negra. Assim, a literatura afro-brasileira se distingue por expressar um "lugar discursivo" específico, onde a negritude e as experiências históricas e sociais influenciam profundamente a construção e a produção de sentido dos textos literários.

2. Mãe Beata de Yemonjá

Beatriz Moreira Costa, conhecida como Mãe Beata de Yemonjá, é natural de Cachoeira/BA (1931) e, infelizmente, faleceu recentemente em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro (2017). Segundo o Literafro (2022), a escritora era Ialorixá do Ilê Omi oju Aro – Casa das Águas dos Olhos de Oxóssi – e, “por volta de 1980, transformou-se em umas das mais celebradas personalidades do candomblé do Rio de Janeiro” (Literafro, 2022, online).

Beata (como era conhecida desde criança) “foi *abiyana* (novata) na casa de candomblé de seu tio que, posteriormente, faleceu levando-a a procurar Mãe Olga do Alaketu, que a iniciou para o orixá no terreiro Ilê Maroia Lali” (Paradiso, 2011, p. 27).

Ainda segundo Literafro (2022), Mãe Beata de Yemonjá era:

Neta de portugueses e africanos escravizados e conduzidos ao Brasil, passou a sua infância nos arrabaldes de Cachoeira do Paraguassu, Bahia, cercada pela presença de mãe Afalá e por outras mulheres de origem africana, essencialmente, pela avó paterna, mulher que, segundo Mãe Beata em seus relatos, “tratava de todos no engenho com suas ervas e mezinhas” (Literafro, 2022, online).

Além disso, a escritora foi uma das integrantes do Instituto Cultural de Apoio e Pesquisa das Religiões Afros (ICAPRA), que visa a difusão das heranças e tradições dos povos brasileiros de origem africana, centrando-se, especialmente, na transmissão religiosa. Segundo a descrição disponível na rede social *twitter* da instituição, O ICAPRA criado em 1998 por Marcelo Fritz com os objetivos de preservação e divulgação das religiões de matriz africana.

A partir de 2023, a Rede Afroambiental¹ instituiu o “Dia Mãe Beata de Yemanjá”, no dia de seu aniversário (20 de janeiro), “como um marco de luta pela cidadania cultural dos povos e comunidades tradicionais de matriz africana” (Correia, 2023).

O canal Literafro (2022), em sua biografia sobre Mãe Beata de Yemonjá, ainda apresenta que:

Em toda a sua existência, Mãe Beata sempre batalhou por justiça social, realizou trabalhos com soropositivos e doentes de AIDS, foi também conselheira do MIR (Movimento Inter-Religioso), membro do Unipax (que luta pela paz), integrante do Conselho Estadual dos Direitos da Mulher, tendo sido também presidente de honra da ONG CRIOLA (Literafro, 2022, online).

Figura 1. A escritora e ialorixá Mãe beata de Yemonjá (1931-2017)



Fonte: LITERAFRO (2022).

O quadro a seguir apresenta as publicações de Mãe Beata de Yemonjá.

¹ “Há trinta anos em movimento, a “Rede Afroambiental” nasceu pela ação, incidência, reparação, denúncia, proposição e discussões apresentadas pelas lideranças culturais de matriz africana e do movimento inter-religioso na ECO92, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento. Na ocasião, Mãe Beata de Yemanjá foi a representante dos Povos de Terreiro e, de lá para cá, nossa atuação em rede segue sem interrupções. Mestre Aderbal Ashogun, filho de Mãe Beata, é o responsável pelas articulações do movimento no Brasil e no exterior.” (Rede Afroambiental, s.d., online).

Quadro 1. Publicações de Mãe Beata de Yemonjá

Obra individual		
Obra	Edição	Ano
Caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros	Pallas	1997
Histórias que a minha avó contava	Terceira Margem	2004
Não Ficção		
Obra	Edição	Ano
Capítulo "Tradição e religiosidade". Livro "O livro da saúde das mulheres negras", Organizado por Jurema Werneck	Pallas	2000

Fonte: Elaborado pela autora (2023), com base em Literafro (2022).

Uma das palavras-chave na escrita de Mãe Beata de Yemonjá é a oralidade. Em *Caroço de Dendê*, a escritora oferece ao leitor contos de orixás da tradição oral africana, “histórias que foram transmitidas através das gerações de escravos nas senzalas do Brasil” (Sampaio, 2008, n.p.).

Segundo Sampaio (2008), Mãe Beata de Yemonjá não foge nem se distancia de suas crenças ao escrever.

Pelo contrário, a autora só escreve porque vive todas as experiências retratadas nos contos, todos os dias. Sua vida é atribulada de afazeres ligados a religião e a luta por um lugar melhor dentro da sociedade. Caroço de dendê é um dos resultados desta luta, que leva para muitos leitores o cotidiano de uma mãe de santo e de seu terreiro de candomblé, ainda muito distante de muitos (Sampaio, 2008, n.p.).

Entre a mitologia iorubá e até mesmo o sincretismo religioso brasileiro, “Mãe Beata” nos abraça então com seus contos abordando os costumes das comunidades de matriz africanas, as histórias/mitologia dos orixás e outros personagens ancestrais e histórias de natureza religiosa no geral. Sampaio (2008, n.p.) acrescenta que:

A tradição oral ainda é um assunto pouco debatido dentro dos estudos literários do nosso país. Propor uma discussão acerca desse assunto possibilita difundir a produção literária de origem afro-brasileira e, além disso, discutir os alicerces da literatura, já que toda a literatura clássica que conhecemos, antes de ter o formato escrito, impresso, era, antes de mais nada, fruto da tradição oral.

Sobre a escrita de Mãe Beata de Yemanjá e a relação oralidade e orixalidade, Pinheiro (2019, p. 108) acrescenta que:

Sua escrita é mantenedora da tradição das contadoras africanas que, na sociedade colonial, andavam pelas casas-grandes e senzalas narrando suas histórias. A exemplo dos mitos gregos e romanos da fundação ou de origem, Mãe Beata remete seus leitores aos começos do mundo pela via da tradição africana, narrando a origem dos seres e das coisas a partir de um ponto de vista afroidentificado, a fim de deixar impressa a crença nos orixás e de valorizar a diversificada cultura afro-brasileira.

Mãe Beata também já sabia o papel que deveria desempenhar neste mundo, como ialorixá, conforme ela mesma coloca em entrevista fornecida a Haroldo Costa, em seu livro “Mãe Beata de Yemonjá: guia, cidadã, guerreira” (2010):

Por ser uma ialorixá, mulher, mãe e filha de Yemonjá, tenho em mim um legado muito necessário à vida humana, pois quando vim ao mundo já sabia que me estava orientando o dever de cuidar e acolher a todos os que me procurassem. Percebi que nossa história de mulher vivida é quase como uma roda viva, em que temos de nos obrigar a ser mantenedoras de vários espaços da vida das pessoas. Minha mãe foi assim, minhas tias também, a mulher que me iniciou no candomblé também viveu para servir e acolher (Costa, 2010, p. 17).

Em suas linhas, Mãe Beata de Yemonjá deixa impressa a crença nos orixás e a valorização da diversificada cultura afro-brasileira.

A obra de Mãe Beata de Yemonjá é uma contribuição valiosa para a preservação e valorização da cultura afro-brasileira, além de ser uma fonte de conhecimento espiritual e um convite ao respeito e à tolerância religiosa. Seu legado continua inspirando gerações, fortalecendo a identidade negra e promovendo a igualdade racial.

3. Orixalidades na literatura afro-brasileira

É considerável constatar que o termo “orixalidade” não é amplamente reconhecido na língua portuguesa, isso se confirma ao buscar o termo no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP) online da Academia Brasileira de Letras (ABL) e não obter resultado algum. Às vezes, a ausência de um termo específico no vocabulário padrão não reflete necessariamente a falta de importância, mas sim uma lacuna na linguagem para descrever algo. Desta forma, muitas vezes a criação de novos termos ou a explicação aprofundada de ideias complexas é necessária para transmitir conceitos importantes. A língua é viva e evolui com o tempo.

Buscaremos aqui então encontrar um conceito de orixalidades na literatura afro-brasileira por meio da literatura da escritora Mãe Beata de Yemonjá.

Segundo Bueno (2019, p. 13), orixalidade diz respeito à:

[...] relação de pertencimento com o mítico sagrado de matriz africana representado a partir da relação sujeito-orixá. Esse pertencimento não está necessariamente organizado a partir de uma iniciação ritual, mas de um relacionamento construído com o reconhecimento dessas tradições como parte da constituição da subjetividade negra.

A partir disso, entende-se que a orixalidade é um conceito que está intrinsecamente ligado a termos como orixás (principalmente), espiritualidade, representatividade das comunidades de terreiro, ancestralidade, entre outros.

Silveira (2022, p. 2) entende a orixalidade como:

Por “orixalidade”, entendo para além de práticas religiosas que cultuam orixás: a palavra parte do princípio “ori”, que traduzido significa “cabeça” e da partícula “xá”, que significa luz. Portanto, é luz que guia a cabeça, ilumina a crença e rege a vida [...]. Sendo assim, por “orixalidade” podemos entender o cotidiano dos orixás na vida dos religiosos. Para além da origem gramatical, quando uso o termo o “orixalidade” me refiro a uma filosofia de vida, a um modo de ver o mundo, a essência dos orixás no dia-a-dia.

Tratando de orixalidade, também é importante observar o sincretismo religioso, fenômeno que resulta no apagamento da negritude das religiões afro-brasileiras. Esse sincretismo é o fato de associarem os santos da igreja católica a sete Orixás cultuados na Umbanda, sendo eles: Jesus Cristo sincretizado com Oxalá; São Jorge, com Ogum; São Sebastião, com Oxóssi; Santa Bárbara, com Iansã; São Jerônimo, com Xangô; Nossa Senhora da Conceição, com Oxum; Nossa Senhora dos Navegantes, com Iemanjá (Barbosa Júnior, 2019).

A orixalidade na textualidade de Mãe Beta de Yemonjá se manifesta de maneira poderosa e impactante, com a presença dos orixás e entidades sendo tratada de forma marcante, destacando-se no texto de maneira intensa.

Além do exposto, cabe afirmar que a presença dos orixás na literatura afro-brasileira é uma característica marcante desse gênero literário. Na literatura afro-brasileira, os orixás são frequentemente retratados como personagens ou referências simbólicas, através de seus arquétipos. Eles desempenham papéis significativos na construção da narrativa, representando elementos culturais, valores, mitologia e conexões com a espiritualidade afro-brasileira.

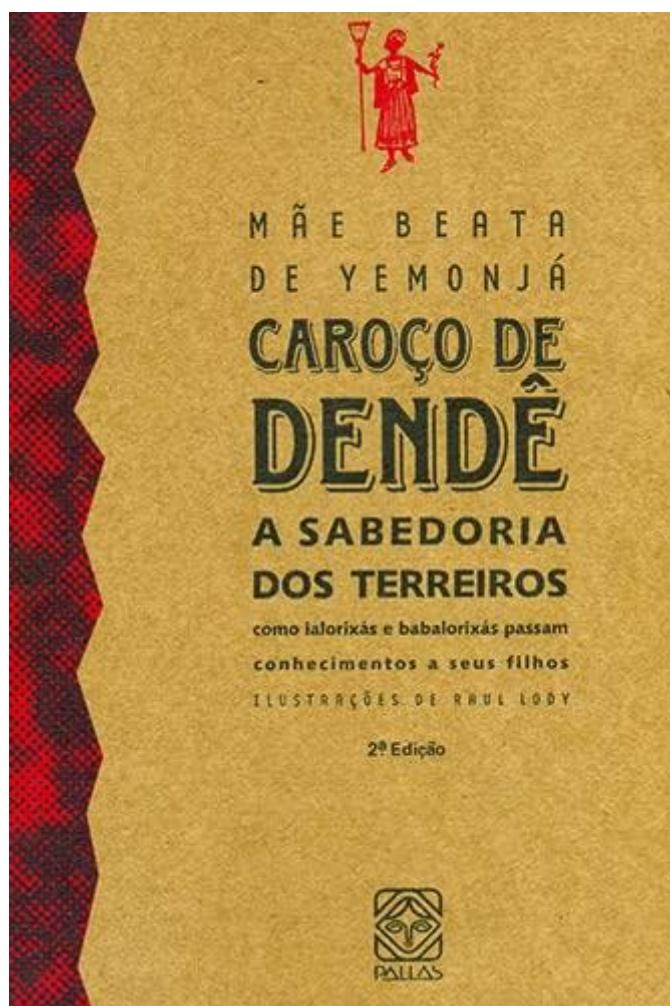
A presença dos orixás na literatura afro-brasileira permite aos escritores explorar temas como ancestralidade, resistência, identidade, religiosidade e lutas sociais. Essa representação literária contribui para a promoção da diversidade cultural e da herança afro-brasileira, bem como para a desconstrução de estereótipos e preconceitos.

Em suma, a orixalidade na literatura afro-brasileira é uma forma importante de expressão religiosa, artística e cultural, que contribui para a valorização e difusão da religiosidade afro-brasileira, bem como para o enriquecimento do cenário literário do Brasil.

4. Caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros

Caroço de dendê: o saber dos terreiros: como ialorixás e babalorixás passam conhecimentos aos seus filhos (Figura 2) foi a primeira publicação de Mãe Beata de Yemonjá, em 1997 pela editora Pallas. O livro conta com 43 contos que foram coletados oralmente e escritos pela ialorixá e aqui foi utilizada a 2^a edição de 2002.

Figura 2. Capa do livro *Caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros*, 2^a edição



Fonte: Yemonjá (2002) e ilustrações de Raul Lody (2002).

Paradiso (2011) informa que *Caroço de dendê* foi o primeiro livro de contos escrito por uma sacerdotisa de candomblé, sendo uma “síntese de valores, crenças e personagens do candomblé, bem como identidade afrobrasileira, memória e ficção literária” (Paradiso, 2011, p. 28).

Já Cardoso (2002), afirma que o livro *Caroço de dendê* auxilia no processo de recontar as memórias das africanidades por meio da literatura afro-brasileira, conforme:

Os contos aqui reunidos devem, então, ser lidos como mais um momento no processo de se recontar a memória afro-brasileira, um momento no longo e lento acúmulo de histórias, no criar da memória recontada. Um momento que dá voz somente a uma parte das memórias acumuladas por Mãe Beata em suas caixas de fotografias e pilhas de papéis, apenas um momento no constante tecer do seu fio de memória. Os contos aqui presentes inevitavelmente invocam as histórias ausentes, os mitos não contados, marcando, dessa forma, a necessária exclusão de histórias no processo de transcrição e edição de contos incluídos numa coletânea (Cardoso, 2002, p. 14).

Caroço de dendê é, então, uma publicação de extremo valor para os povos de terreiro, visto que registra histórias contadas por meio da oralidade nas rodas de conversas entre mães de santo-ialorixás e seus filhos de santo, histórias que antes não sairiam do espaço íntimo deles, dando voz, dando lugar de fala para essas comunidades afro-religiosas.

A obra de Mãe Beata de Yemonjá explora a sabedoria, os ensinamentos e as experiências dos terreiros de Candomblé, abordando a espiritualidade, os rituais, as divindades e a importância da tradição oral nessa religião afro-brasileira.

Ao longo da obra, a autora destaca a resistência cultural dos negros e a importância da religiosidade afro-brasileira como um pilar de identidade e força para a comunidade.

Caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros é uma obra que contribui para a valorização da cultura afro-brasileira, oferecendo insights e reflexões sobre a espiritualidade, os rituais e a ancestralidade presentes nos terreiros de Candomblé, enriquecendo o panorama literário brasileiro ao trazer à tona a sabedoria e a riqueza da religião afro-brasileira.

5. Mais uma história de Xangô e o quiabo

Iniciaremos aqui a análise das orixalidades de *Caroço de dendê* por meio do conto escolhido: “*Mais uma história de Xangô e o quiabo*”. Neste conto/itã tem-se a história de Xangô Baru, uma qualidade do orixá Xangô que não pode comer quiabo. E o conto se dá

com a explicação do porquê desta qualidade de Xangô não poder comer quiabo, começando a seguir.

Existe uma qualidade de Xangô, chamada Baru, que não pode comer quiabo. Ele era muito brigão. Só vivia em atrito com os outros. Ele é que era o valente. Quem resolvia tudo era ele. Xangô Baru era muito destemido, mas, quando ele comia quiabo, que ele gostava muito, lhe dava muita lombeira. Dormia o tempo todo! E por isso perdeu muitas contendas, pois quando ele acordava seus adversários já tinham voltado da guerra. Ele ficava indignado. Então, resolveu consultar um oluô... (Yemonjá, 2002, p. 107).

O que pode causar certa confusão para quem é das comunidades de terreiros, é justamente o fato do quiabo ser um fruto que é comumente destinado em oferendas à Xangô, entretanto essa qualidade de Xangô Baru tem um problema com quiabo. O quiabo lhe dá “lombeira”, um cansaço. O oluô (oraculista) lhe disse para deixar de comer o quiabo, mas ele questiona como deixar de comer o que mais gosto?!

Xangô Baru então decide que não vai se deixar vencer pela gula, então decide consultar o oluô sobre o que fazer com sua vontade por quiabo e, então, sua quizila. O oluô então lhe orienta a comer outras folhas, que juntas se denomina “mocó”, sendo das folhas: oyó e xanã, segundo o oluô “tão boas e saborosas quanto o quiabo”.

Xangô Baru foi para casa e preparou o refogado, e fez um angu de farinha e comeu. Gostou tanto, e se sentiu tão bem e tão fortalecido, e não teve mais aquele sono profundo. Aliás, ele se sentiu bem mais jovem e com mais força. E não ficou com a lombeira que o quiabo lhe dava (Yemonjá, 2002, p. 108).

Um destaque aqui para o final do conto, que acontece também de forma similar em outros, onde a escritora coloca: “Esse caso me foi contado pelas minhas mais velhas; assim, agora, quem quiser dar quiabo a Baru, que dê” (Yemonjá, 2002, p. 108). No conto *A quizila de Ogum com o quiabo*, também finaliza com: “Esta história me foi contada pela minha avó. É por isto que Ogum não suporta quiabo.” (Yemonjá, 2002, p. 105). Desta forma, há essa ênfase no fato da história ter sido passada por meio da oralidade.

6. Referências

- BARBOSA JÚNIOR, Hélcio Fernandes. **Descruza os braços e gira:** saberes e escrevivências na umbanda. 2019. 151 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/5592/1/H%c3%a9lcio%20Fernandes%20Barbosa%20J%c3%banior.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2024.

BUENO, Winnie de Campos. **Processos de resistência e construção de subjetividade no pensamento feminista negro:** uma possibilidade de leitura da obra Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment (2009) a partir do conceito de imagens de controle. 2019. 167 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Direito, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019. Disponível em: http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/8966/Winnie%20de%20Campos%20Bueno_.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 11 ago. 2024.

CARDOSO, Vânia. Introdução: mito e memória: a poética afro-brasileira nos contos de Mãe Beata. In: YEMONJÁ, Mãe Beata de [Beatriz Moreira Costa]. **Caroço de dendê:** a sabedoria dos terreiros: como ialorixás e babalorixás passam conhecimentos a seus filhos. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

CORREIA, Claudia. **Encontro cultural celebra o Dia Mãe Beata de Yemanjá.** Brasil de Fato, 21 jan. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefatoba.com.br/2023/01/21/encontro-cultural-celebra-o-dia-mae-beata-de-yemanja>. Acesso em: 19 ago. 2024.

CUTI [Luiz Silva]. **Literatura negro-brasileira.** São Paulo: Selo Negro, 2010. (Coleção Consciência em Debate).

DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. In: EBLE, Laeticia Jensen; DALCASTAGNÈ, Regina. (Orgs.). **Literatura e exclusão.** Porto Alegre: Editora Zouk, 2017.

DUARTE, Eduardo de Assis (coord.). **Literatura afro-brasileira:** 100 autores do século XVIII ao XXI. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: elementos para uma conceituação. **Acervo,** Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 77-90, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/9>. Acesso em: 3 fev. 2022.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Terceira Margem,** Rio de Janeiro, n. 23, p. 113-138, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/10953>. Acesso em: 3 fev. 2022.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica?. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (Orgs.). **Literatura afro-brasileira.** Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. p. 9-38.

LITERAFRO. **Mãe Beata de Yemonjá.** 10 mai. 2022. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/591-mae-beata-de-yemonja>. Acesso em: 19 ago. 2024.

PARADISO, Silvio Ruiz. Caroço de dendê (1997), de Beata de Yemonjá: a memória e identidade negra através das divindades iorubás. **Estação Literária,** Londrina, v. 8, parte a, p. 25-33, dez. 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/leturas/EL/vagao/EL8AArt04.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2024.

PINHEIRO, Giovanna Soalheiro. Mãe Beata de Yemonjá. In: DUARTE, Eduardo de Assis (coord.). **Literatura afro-brasileira: 100** autores do século XVIII ao XXI. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2019. p. 107-108.

SAMPAIO, André. Contos de Mãe Beata de Yemonjá: tradição oral no candomblé. **Revista África e Africanidades**, [S.l.], ano 1, n. 2, ago. 2008. Disponível em: http://www.africaeafricanidades.com.br/documentos/Contos_de_mae_Beata_de_Yemonja.pdf. Acesso em: 18 ago. 2024.

SILVA, Gislaine Imaculada de Matos. **Orixalidades:** questões religiosas em três autoras da literatura afro-brasileira contemporânea. 2024. 99 f. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2024.

SILVEIRA, Amanda. Eu agora vou dançar para todas as moças, para todas as ayabás, para todas elas: histórias de mulheres negras gaúchas a partir da imagem de Yemanjá no Coletivo Negressencia. **Revista Temporis[ação]**, Goiás, v. 22, n. 02, p. 26, 2022. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/view/12272>. Acesso em: 07 ago. 2024.

YEMONJÁ, Mãe Beata de [Beatriz Moreira Costa]. **Caroço de dendê:** a sabedoria dos terreiros: como ialorixás e babalorixás passam conhecimentos a seus filhos. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.